

ESPIRAL DE SENTIDOS: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE GÊNERO NA ESCOLA PARA LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Josângela Bezerra da Silva
Elda Silva do Nascimento Melo (Orientadora)
Marcelo dos Santos Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
josangelah@gmail.com
eldasnmelo@hotmail.com
marcelosbezerra@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa monográfica intitulada: As representações sociais e o lugar das discussões de gênero na formação de pedagogos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, cujo objetivo foi captar as representações sociais sobre discussão de gênero na escola para graduandos do curso de pedagogia da UFRN, na cidade do Natal/RN. Participaram da pesquisa 54 sujeitos graduandos do curso de Pedagogia da UFRN no ano de 2017. Utilizou-se como instrumento para construção dos dados daquela pesquisa a Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP. Esse artigo tem como objetivos apresentar e refletir acerca dos resultados da referida pesquisa monográfica. Para tanto, o referencial teórico e metodológico está embasado na Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2015) e (JODELET, 2001). Na teorização de gênero (LOURO, 2014), (FOUCAULT, 1998), entre outros. Para análise dos dados foi utilizado o software EVOC – *Ensemble des Programmes Permetant l'Analyse des Evocations* (2005) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Os resultados organizados por meio do Espiral de Sentidos (ELDA, 2018) torna inteligível os elementos estruturantes das representações sociais dos pesquisados e a constituição do núcleo central que resultou em: polêmica, necessária e importante. Esses elementos revelam que na formação inicial dos pedagogos há um silenciamento nas discussões de gênero. Ademais, considerando a partilha de informações nas falas dos investigados, percebe-se por um lado que há resistência em discutir esse tema na escola, mas por outro a consciência acerca da importância e necessidade de contextualizá-lo nas práticas pedagógicas no âmbito escolar.

Palavras-chave: Representações Sociais, Gênero na escola, Formação de pedagogos, Espiral de Sentidos.

INTRODUÇÃO

Considerando sua função social, a escola assume a responsabilidade de ser um espaço privilegiado para o exercício da cidadania e da democracia, quando é capaz de oferecer espaços formativos e proporcionar ao conjunto de alunos, pais, professores e funcionários, ativa participação na tomada de decisões e nos espaços de representação. Nesse processo é fundamental que os diferentes sujeitos participantes do processo educativo possam se posicionar e agir com alteridade. Assim, faz-se necessário considerar a diversidade de identidades que compõe a escola incluindo as diversidades de gênero, étnicas e culturais como

forma de romper com determinados padrões que hierarquizam as relações sociais e causam pré-conceitos e violências, sobretudo a violência simbólica.

Pesquisas apontam que um em cada dez estudantes brasileiros um é vítima de bullying, ou seja, de agressões físicas e psicológicas dentro da escola. Os números compõem um levantamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, em parceria com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA – no ano de 2015, acerca do bem-estar dos alunos no ambiente escolar. Muitos desses números de violência na escola estão relacionados a condição de gênero desses indivíduos, cujos jovens não admitem que são vítimas por medo, culpa ou vergonha. Igualmente, alarmante são os dados da pesquisa nacional¹ sobre ambiente educacional no Brasil em 2016 sobre a incidência de violências físicas e psicológicas dentre alunos e alunas que identificam-se como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT, ainda de acordo com os dados dessa pesquisa, 73% afirmam ter sofrido agressões verbais e 36% dizem ter sofrido agressões físicas na escola.

Devido à relevância dessas questões, os objetivos deste trabalho são apresentar e refletir sobre as representações sociais de gênero na formação de pedagogos do curso de Pedagogia acerca das discussões de gênero na escola a partir dessas representações buscando compreender se as teorias de gênero contribuem ou não na formação inicial de professores no curso de Pedagogia daquela universidade. Escolhemos como locus da pesquisa o curso de Pedagogia por ser os profissionais da educação responsáveis pelo processo de escolarização das crianças entre 0 e 10 anos de idade, momento em que as crianças são submetidas a um processo de socialização que terá relevância para sua formação social, intelectual, biológica e afetiva.

Acreditamos na relevância desse estudo devido à importância do tema em questão e a necessidade de se pensar estratégias para trabalhar gênero na escola, sobretudo em um momento histórico e social de timidez ou ausência das políticas nacionais, estaduais e municipais que retiram a temática do currículo oficial. Contudo, cabe ressaltar que embora haja um certo silenciamento das discussões de gênero nas políticas educacionais, não há proibição legal que impeça a abordagem pedagógica dessa temática nas escolas. Por esses motivos, refletimos ser fundamental que os pedagogos possam se apropriar das reflexões teóricas de gênero em seu percurso formativo inicial. Assim se impõe a seguinte questão:

¹ Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT. Relata as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nos ambientes educacionais no Brasil.

Como as representações sociais de discussão de gênero na escola são elaboradas na formação inicial dos licenciando do curso de pedagogia da UFRN?

Este trabalho está dividido em três seções. Na primeira faremos uma breve contextualização sobre a Teoria das Representações Sociais – TRS, conforme Moscovici (2015) e Jodelet (2001), assim como as teorias de gênero conforme Scott (1993), Louro (2014), Butler (2015) e Foucault (1998), sob uma perspectiva dos estudos culturalistas, que inserem corpo, sexo e gênero como constructos sociais. Na segunda seção abordaremos a metodologia da investigação. Na terceira seção apresentaremos as reflexões acerca dos resultados da pesquisa e, por último, traremos as conclusões desse estudo científico.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E AS TEORIAS DE GÊNERO

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici e publicada em 1961. Ele revitalizou tanto o conceito das representações coletivas de Durkheim, ampliando o campo de análises daquelas representações, como rompeu com o pensamento positivista e o individualismo teórico da época que prevalecia na psicologia social. Assim, por meio do pensamento dialético elaborou paradigmas para estudar as relações sujeito-objeto, social-cognitivo, sobretudo as interações existentes entre as manifestações culturais desses sujeitos e as representações das coisas. (MOSCOVICI, 2015)

Nesse sentido, as representações sociais estão situadas no contexto entre o indivíduo e o social. Ou seja, sujeito e sistemas estão interligados com o objeto representado. Assim, a finalidade das representações sociais é tornar familiar aquilo que não é. É possibilitar dar sentido ao comportamento. De fato, contidas em um ciclo de retroalimentação, as representações sociais vão ressignificando imagens, opiniões e pontos de vistas de um lugar para outro, de um determinado grupo para outro grupo. Portanto, para Moscovici (2015) a noção de representação social é uma percepção da coisa/objeto que se sustenta durante o tempo que for necessário.

Para Jodelet (2001), essa percepção do objeto é o que faz situar o sujeito no mundo, na sociedade, nos sistemas e nos grupos, criando suas próprias representações sociais do objeto e auxiliando-o como guia diante da vida cotidiana. Dessa forma, o sujeito toma por base esses conhecimentos para fazer escolhas e decidir sobre ações e (re)posicionamentos no campo social. Sendo assim, um grupo de sujeitos diante de uma situação de estranheza ou crise, irá recorrer a elementos e conhecimentos que os auxiliem na condução de tomadas de decisões e

que, além disso, mantenham o status daquilo que é mais precioso e caro para a existência do grupo. (JODELET, 2001)

Atualmente, as teorias tradicionais de gênero, sobretudo, o essencialismo biológico, ainda exercem influências na sociedade acerca dos papéis sociais de homens e de mulheres. De acordo com Roudinesco (2008) essas teorias são difundidas desde o século XVI a partir da igreja católica. No século XIX algumas correntes científicas como o darwinismo social, a neuropsicologia, dentre outras, se empenharam em aprimorá-las e reforça-las a partir do pressuposto de que os aspectos biológicos inatos seriam responsáveis por definir as características psicológicas e a subjetividade dos indivíduos.

Nesse contexto, Foucault (1998) conceitua a sexualidade como um dispositivo histórico, concebida por inúmeros discursos sobre o sexo, os quais são carregados de normatização, regulação e saberes que produzem verdades. Esse constructo unívoco do sexo é produzido a partir da regulação e do controle social da sexualidade. Por isso, aparece no discurso escolar como causa, como uma essência interior que tanto produz como torna inteligível todo tipo de sensação, prazer e desejo como específicos de um sexo.

Influenciada por Foucault, Scott (1993) concebe gênero como sendo um saber sobre as diferenças sexuais. Isto é, as relações de gênero e os estudos de gênero ganham sentido, quando contextualizadas nas relações de saber e de poder. É na definição dos lugares sociais ocupados por homens e por mulheres e, nas relações sociais estabelecidas por eles nas estruturas de poder, onde são produzidos os símbolos e significados de reprodução social das diferenças baseadas no sexo.

Butler (2015) busca através da historicização do corpo e do sexo colocar em xeque a dicotomia sexo/gênero por entender que a mesma legitima a ordem social compulsória e binária que torna obrigatória a correspondência entre um sexo e um gênero, um desejo e uma prática necessariamente heterossexual. Como solução dessa lógica binária e compulsória de se conceber o corpo, o sexo e o gênero a autora propõe subvertê-la considerando que o sexo, pênis ou vagina, não se constitui em um condicionante para as práticas sexuais ou definição do gênero dos sujeitos.

Para Louro (2014, p. 11) “os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura”. Sexo, gênero e corpo se constituem em categorias discursivas e, para tanto, esse discurso é componente inerente de qualquer teoria, no qual “não apenas traduz os sistemas de dominação, mas também é o instrumento de poder de que todos querem se apoderar”. (FOUCAULT, 1998, p. 10)

METODOLOGIA

Para produção dos dados empíricos fizemos uso da Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP – aplicada aos alunos e alunas licenciandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Também utilizamos observações feitas durante a aplicação da TALP provenientes de anotações em nosso diário de bordo.

A TALP é uma técnica projetiva – insight psicológico – que nos permite, por meio de um termo indutor, apreender a verdadeira natureza da representação social dos pesquisados, uma vez que diminui a capacidade de reflexão e da influência da retórica e se constitui em instrumento bastante utilizado nos estudos das representações sociais. O método consiste em induzir os participantes da pesquisa a evocarem palavras que se manifestam no campo simbólico e que guardam relação com o tema proposto pelo termo indutor. Em seguida os participantes da pesquisa são orientados a hierarquizar as palavras por ordem de importância para eles próprios, e, finalmente, devem justificar suas escolhas e classificações dos termos evocados.

Aplicamos a TALP junto aos sujeitos desse estudo no final do primeiro semestre letivo do ano de 2017. Escolhemos como termo indutor: “DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA É...”. A aplicação do referido instrumento ocorreu no turno matutino tanto nas salas de aula, como nos espaços de convivência do Centro de Educação da UFRN. Previamente à aplicação da TALP, foram prestadas explicações aos participantes acerca da pesquisa, isto é, o porquê da escolha e do uso do instrumento para construção dos dados, os objetivos da investigação científica e a garantia do anonimato das informações. É importante mencionar que os participantes aceitaram de maneira voluntária participar da pesquisa. As fichas da TALP foram numeradas e organizadas para facilitar seu manuseio no processo de análise de conteúdo. Após a aplicação da TALP obtivemos os números abaixo na tabela 1:

Tabela 1: TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS - TALP

Número de pesquisados	54
Quantidade de termos evocados	162
Quantidade de termos considerados	42
Frequência mínima de evocações consideradas	02

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se que a diferença numérica entre os termos evocados e os termos considerados se deu por uma organização que realizamos por meio da eliminação de termos e palavras ou que se repetiam, ou que possuíam o mesmo significado, de acordo com as justificativas dos sujeitos da pesquisa. Esse procedimento está ancorado na análise de conteúdo de Bardin (2011), que utilizamos nessa pesquisa como aporte metodológico para desvendar de forma reflexiva aquilo que está preservado, escondido por trás dos significados das palavras e termos evocados durante a aplicação da TALP, ora organizados em categorias semânticas.

Outrossim, utilizamos o software EVOC para delimitar o núcleo central da representação social dos investigados dessa pesquisa. Iniciamos inserindo todos os termos evocados pelos sujeitos. Os termos evocados em primeiro lugar foram diferenciados por um asterisco porque o software EVOC considera todos os termos que forem inseridos, no entanto, ele solicita que seja informado tanto as palavras classificadas em primeiro lugar, como um ponto de corte para o número de evocações que definirá os termos que serão desconsiderados para o tratamento e delimitação do núcleo central das representações sociais.

Para a nossa pesquisa determinamos que esse número de corte seria 2, ou seja, os termos evocados apenas uma vez foram retirados do processo de caracterização do núcleo central da representação social em estudo. A escolha do ponto de corte foi determinada a partir do número de sujeitos participantes da pesquisa, bem como da quantidade de termos evocados. Queremos ressaltar, que para apresentar os resultados desse tratamento dos dados realizado pelo EVOC utilizamos o modelo gráfico de abordagem estrutural em Espiral de Sentidos que explicaremos na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme mencionado ao longo do nosso estudo, utilizamos a TALP como instrumento que possibilitou obter os termos evocados acerca das representações sociais sobre a discussão de gênero na escola para os licenciados do curso de Pedagogia na UFRN. No processo de tratamento dos dados foram retirados, conforme explicado anteriormente, os termos que se repetiram durante a aplicação da TALP, de modo que consideramos 42 no final, cuja organização resultou em três categorias de análises, tabela 2, na qual agrupamos as palavras por aproximações semânticas e tentaremos mostrar como pensam os sujeitos dessa pesquisa.



Tabela 2: CATEGORIAS DE ANÁLISES

ACEITAÇÃO	NECESSIDADE	RESISTÊNCIA
Aceitabilidade	Complexo	Confusa
Bem-vinda	Debate	Contradição
Democrático	Delicado	Desnecessário
Diversidade	Empoderamento	Difícil
Emancipatório	Desconhecimento	Equívoco
Escolha	Direito	Homossexualidade
Identidade	Doutrinação	Ideologia de gênero
Importante	Estereótipo	Inapropriado
Liberdade	Esclarecer	Ideologia de gênero
Necessária	Formação	Polêmica
Oportunidade	Igualdade	Pouco falada
Pertinente	Inclusão	Preconceito
Respeito	Inexistente	Sexualidade
	Refletir	Tabu
	Urgente	Velada

Fonte: elaborado pelos autores.

No que se refere aos resultados na categoria ACEITAÇÃO, podemos identificar que há um diálogo entre a discussão de gênero na escola com as mudanças sociais em curso no Brasil. Essa aceitação da discussão de gênero na escola se expressa nas falas dos sujeitos pesquisados como sendo um meio para mitigar os preconceitos e favorecer, assim, a convivência democrática com a diversidade. Esses apontamentos aparecem bem demarcados na fala a seguir: “Entendo que a discussão de gênero na escola é importante pois, a falta de informação pode gerar a negligência, preconceitos...também é necessária para que a diversidade seja respeitada. Todavia, essa discussão deve acontecer bem fundamentada, trazendo a comunidade para o diálogo. (Sujeito 30, 2017)

No que se refere à categoria NECESSIDADE, essa discussão de gênero na escola guarda relação direta com o fato dela figurar na Agenda Setting², de modo que não é possível ignorá-la. Sobre isso os discursos dos sujeitos nos mostram: “é necessária a discussão de gênero na educação, devido ser uma temática historicamente silenciada no ensino escolar” (sujeito 25, 2017) e “acredito que há dificuldades em discutir o tema nas escolas, pela falta de conhecimento por parte dos professores e também pelo medo, por não saber como tratar do assunto com os pais. ” (Sujeito 17, 2017). A fala dos sujeitos nos possibilita entender que existe o reconhecimento da necessidade de se discutir gênero na escola a fim de que os fatores

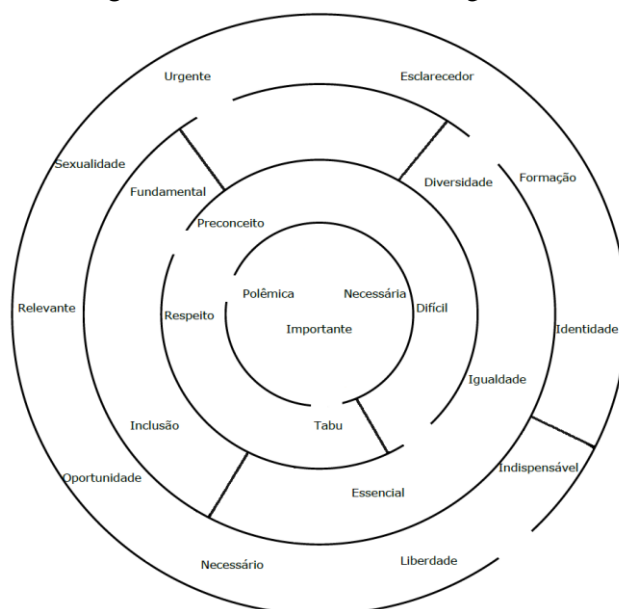
² Agenda Setting é a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá. Algumas dessas notícias receberá, portanto, mais ênfase que outras.

apontados como justificativas para o silenciamento da discussão na escola, como insegurança por parte dos professores para abordar o tema, desconhecimento e ausência de formação adequada para discutir as questões de gênero na escola e resistência das famílias sejam discutidos.

Na categoria RESISTÊNCIA a discussão de gênero na escola legitima o discurso de que a escola deve primar pelo ensino dos conteúdos escolares obrigatórios na estrutura curricular, atribuindo a discussão de gênero como responsabilidade da família, conforme podemos ler nas falas dos pesquisados: “[...] não é papel da escola tratar desse assunto [...] porque na escola os alunos deveriam aprender conhecimentos científicos necessários para sua vida intelectual e social durante toda a vida. [...] pois esse tipo de educação é papel e dever da família (Sujeito 26, 2017). Os sujeitos trazem de forma implícita a ideia de que a não discussão das questões de gênero pela escola preserva uma suposta orientação sexual concebida como natural que é herdada ao nascer menino ou menina.

Com base nas evocações da tabela 2 e após a organização realizada pelo EVOC, apresentamos o modelo gráfico de Espiral de Sentidos³ das representações sociais dos licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN sobre a discussão de gênero na escola.

Figura 1: Abordagem estrutural: “Discussão de gênero na escola é...”



Fonte: Elaborado pelos autores.

³ Abordagem estrutural gráfica desenvolvida e aperfeiçoada, desde o ano de 2016, pela professora doutora Elda Silva do Nascimento Melo, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, e divulgada na Conferência Internacional sobre Representações Sociais 2018 em Buenos Aires-Argentina, por pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Educação (Camila Rodrigues dos Santos, Josângela Bezerra da Silva e Marcelo dos Santos Bezerra) e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (Erivânia Melo de Moraes).

Nessa abordagem estrutural no círculo central, mais interno, estão as palavras mais lembradas e compartilhadas pelo grupo de sujeitos da pesquisa. Nos demais círculos estão as palavras que foram evocadas com menos frequência e que não foram classificadas na primeira posição pelos pesquisados. Em cada círculo percebe-se que há fendas, que significam que os termos evocados podem transitar tanto para o centro como para a extremidade dos círculos em movimentos de aproximação e afastamento do núcleo central das representações sociais. Esses movimentos dependem da ordem e frequência que as palavras são lembradas e classificadas pelos sujeitos da pesquisa na aplicação da TALP.

Partindo da esfera mais ao centro encontramos as palavras que formam o núcleo central e que foram evocadas 37 vezes e classificadas somente na primeira posição. Na esfera posterior a esta, encontramos os Elementos Intermediários I, cujos termos surgiram 21 vezes e foram classificadas na primeira e segunda posições. Na penúltima esfera encontramos os Elementos Intermediários II, cujas evocações surgiram 17 vezes nas segundas e terceiras posições. Na última esfera estão os elementos periféricos que foram mencionados 22 vezes, no entanto, sem ser classificados na primeira posição.

A figura do Espiral de Sentido revela o núcleo central dos termos que representam a discussão de gênero na escola para os licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN. Este núcleo composto pelas palavras **IMPORTANTE**, **NECESSÁRIA** e **POLÊMICA** é um entendimento coletivo do grupo estudado, no qual nos permite refletir que a discussão de gênero na escola se relaciona com anseios democráticos e garantia de direitos, de modo que deveria ser algo tão natural quanto falar de ensino e aprendizagem. No entanto, revela também que em função da ausência desse conteúdo na formação do pedagogo, os pesquisados entendem que não é possível ensinar o que não se sabe. Assim, uma formação docente que capacite uma intervenção pedagógica qualificada e que seja capaz de dialogar com as mudanças sociais deve ter como eixos centrais a prática reflexiva e a participação crítica, buscando os meios para torná-la efetiva. (PERRENOUD, 1999)

Nessa perspectiva, as falas dos sujeitos nos permitem refletir sobre representações que tratam de uma democracia participativa que a discussão de gênero pode favorecer nas práticas pedagógicas no ambiente escolar. A “discussão de gênero na escola é direito assim, como direito a todo o processo de educação escolar. Liberdade de conhecimento e escolha. Oportunidade de expressar sua opinião e conhecer a dos demais” (SUJEITO 19, 2017). Para outro pesquisado “a questão de gênero dentre outros aspectos trata-se de uma problemática que envolve o processo de conscientização, respeito, a diversidade e a inclusão como fatores

primordiais do direito humano garantidos pela legislação em reconhecimento das diferenças” (SUJEITO 50, 2017).

As novas formas de se pensar os arranjos sociais denotam uma abertura das consciências para a existência de uma diversidade social que não é apenas discursiva, mas se materializa nos mais diversos espaços sociais que tem facetas étnicas, raciais, sexistas, de gênero, entre outras. Nesse contexto, a ideia de a discussão de gênero na escola ser necessária ainda persiste; entretanto, não se efetiva por que discutir gênero na escola talvez seja muito polêmico, deixando revelar, dessa maneira, a inconsistência da formação pedagógica no que diz respeito em como lidar com essa temática. De acordo com Dias (2014), essa reflexão é reiterada quando ele sinaliza para a importância de os estudos de gênero fortalecerem a construção de novas bases teóricas para análise da sociedade por meio de contextos de mudanças e protagonismos.

Outra reflexão que abordamos nesse artigo está ancorada nas nuances da formação do pedagogo, cujas falas de alguns sujeitos desse estudo nos leva a compreender que “[...] a escola tende muitas vezes a não preparar seus profissionais para abordarem esse tema em sala de aula. [...] falar sobre gênero é formativo não só para os alunos, mas também para o próprio professor [...]” (Sujeito 31, 2017). Já para o sujeito 51 (2017) “o termo apesar de antigo ainda é muito desconhecido pelos professores e alunos, por isso existe uma grande dificuldade em tratar a temática”. Dentre tantas outras, essa é mais uma visão, acerca da atuação do professor na escola ancorada nas falas dos sujeitos que nos permite perceber sentimentos de impotência e de desconforto profissional. Para Perrenoud (1999), a ação docente precisa estar cheia de sentidos pedagógicos e, portanto, almejar por uma prática reflexiva e motivada em querer fazer o seu trabalho de modo mais eficaz e dentro dos limites éticos da atuação profissional.

As falas dos participantes desse estudo nos revelam o quanto os elementos evocados e contidos no Espiral de Sentidos estão correlacionados por meio de uma retroalimentação semântica que ratifica a representação simbólica de discussão de gênero por meio dos termos importante, necessário e polêmica. Diante disso, Jodelet (2001) afirma que existe uma relação de simbolização e interpretação entre a representação social e seu objeto num determinado contexto de significados de um grupo de sujeitos.

Nesse processo de construção da representação, compreendemos por meio das justificativas dos pesquisados que os elementos mais compartilhados é, de fato, o que predomina no campo simbólico dos sujeitos. Entretanto, a necessidade da discussão de gênero está muito presente, o que demonstra que o dito ainda não se tornou ação pelo entendimento

do quão polêmico é pensar e agir sobre a importância de ter práticas pedagógicas para lidar com essa temática.

O que está em curso é uma simbiose de elementos compartilhados a partir de variáveis dos processos de comunicação social, das teorias científicas e dos saberes do cotidiano. Ou seja, se entrecruzam o universo consensual, senso comum, e o universo reificado, conhecimento científico, a partir do processo de resignificação, cujos sujeitos procuram por meio das informações disponíveis no campo simbólico aproximações com as teorias de gênero no seu cotidiano (Moscovici, 2015). Assim, forma-se uma fotografia representativa do real que naturaliza e recontextualiza novamente no social, retornando ao sujeito que recorre ao que lhe é familiar para converter a novidade, dando-lhe sentido à manutenção do status do grupo.

CONCLUSÕES

A investigação científica, por meio de estudos teóricos e metodológicos como a aplicação da TALP à luz da Teoria das Representações Sociais, alcançou seus objetivos e encontrou resultados que nos mostram nas falas dos sujeitos, licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN, que a discussão de gênero na escola ainda não se efetiva, de forma pedagógica, tanto pelas lacunas na formação inicial – graduação, como na formação continuada dos pedagogos.

As prováveis representações sociais dos alunos do curso de Pedagogia acerca das discussões de gênero, percebidas nesse estudo, agrupam-se em categorias abertas e configuram representações em transição. De um lado representações que denotam aceitação das discussões de gênero na escola como forma de garantir equidade nas relações de gênero, atribuindo a escola o papel de salvar a sociedade. Por outro lado, a existência de representações que sinalizam outros ambientes e indivíduos fora da escola que possam discutir gênero, mais especificamente o ambiente familiar, e, assim, eximir o professor de sua atuação pedagógica.

Compreendemos que esse estudo científico não teve quaisquer pretensões de esgotar as reflexões acerca das representações sociais de discussão de gênero na escola dos licenciandos do curso de Pedagogia da UFRN. As representações sociais não são apenas rígidas e estáveis. Elas são flexíveis e transitam no campo simbólico e social dos sujeitos para explicarem seus comportamentos por meio de compartilhamentos. Nesse sentido, queremos indicar, portanto,

que há outras direções para novos estudos nessa temática à luz da Teoria das Representações Sociais a fim de depreender nuances ou aspectos que nos pareceram poucos revelados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Representações Sociais de Gênero no Trabalho Docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In JODELET, D. (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17-44.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contextos sociais em mudança: Prática reflexiva e participação crítica**. Revista Brasileira de Educação Set/Out/Nov/Dez 1999. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/rbe/files/rbe_12.pdf> acesso em: 10 set. 2018.

PUPO, Kátia Regina. **Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero**, 2007. 242 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history, Nova York, Columbia University Press, 1986. In: DABAT, Cristiane Rufino; ÁVILA, Maria Betania. (trads.). **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1993.